



TENHO UM FILHO AUTISTA, QUAL O PAPEL DA ESCOLA?

KELLY ALINE BARBOSA RIBEIRO; RICARDO DE SOUZA JANOARIO

RESUMO

O transtorno do espectro autista (TEA) pode se manifestar de várias maneiras, impactando a cognição, o comportamento e as habilidades de comunicação. Fatores como estes, por sua vez, podem levar a desafios comuns de aprendizagem para crianças autistas. Tais desafios podem incluir dificuldades com interações sociais, problemas de processamento sensorial, déficits de função executiva e lutas de regulação emocional. Em ambientes educacionais, os efeitos do autismo nas habilidades de aprendizagem podem exigir suporte e acomodações personalizados para ajudar os alunos a acessar o currículo, participar de atividades e atingir seu potencial máximo. Ao entender as necessidades e diferenças únicas de alunos autistas, pais, professores, gestores, cuidadores podem defender acomodações e intervenções apropriadas para promover o sucesso e o bem-estar na escola. Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivo geral relatar uma experiência vivida por uma mãe atípica, ao matricular seu filho autista, em uma escola particular localizada em um bairro da Zona Norte do município do Rio de Janeiro. Como objetivo específico, o artigo se propõe a apresentar estratégias para modificar e ajustar o ambiente escolar convencional para alunos autistas. Para atender aos objetivos propostos, optou-se pela metodologia do relato de experiência, entendendo que reunir esforços colaborativos ajudam a criar ambientes de aprendizagem inclusivos que celebram a diversidade e promovem o bem-estar holístico de todos os alunos. Portanto, reconhecer e abordar os impactos comunicacionais e comportamentais do autismo na escola, capacita a comunidade escolar a navegar no cenário educacional com confiança, resiliência e um senso de pertencimento.

Palavras-chave: autismo, relato de experiência, estratégias pedagógicas, espaço escolar, professor.

1 INTRODUÇÃO

A ideia para escrever esse relato de experiência surge da angústia de uma mãe atípica em matricular seu filho em uma escola particular localizada em um bairro da Zona Norte do município do Rio de Janeiro, no intuito de compartilhar experiências que dialoguem com outras mães atípicas na luta por respeito e reconhecimento de crianças autistas. O presente relato tem como objetivo, além de relatar a experiência vivida, apresentar estratégias para modificar e ajustar o ambiente escolar convencional para alunos autistas. O que deveríamos saber sobre o autismo?

O Autismo, ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta os indivíduos de diversas maneiras (American Psychiatric Association, 2014). Caracteriza-se por dificuldades na interação social, na comunicação e em comportamentos repetitivos. Embora o autismo seja uma condição permanente, a intervenção e o apoio precoces podem melhorar significativamente a qualidade de vida de indivíduos dentro do espectro. Alguns indivíduos podem apresentar sintomas leves e ser altamente funcionais, enquanto outros podem ter desafios mais significativos que exigem apoio adicional. (Astral Cultural, 2023, p 13) É importante reconhecer e respeitar os pontos fortes e

as necessidades únicas de cada aluno com autismo.

Os sintomas podem ser graves e interferir nas tarefas cotidianas, ou podem ser leves e causar apenas alguns problemas. Essa gama de sintomas é chamada de "espectro". A síndrome de Asperger e os transtornos globais do desenvolvimento (TGD) são condições que se enquadram no espectro autista. Os sinais de autismo podem incluir: contato visual deficiente; criança que não responde ao seu nome; fala atrasada; uso de poucos gestos (acenar, bater palmas, apontar); não compartilhar prazer ou interesses com outras pessoas; maneiras incomuns de mover as mãos, os dedos ou o corpo todo; estar muito focado ou apegado a objetos incomuns pouca ou nenhuma imitação de outras pessoas ou fingimento rituais como repetir coisas repetidamente ou alinhar objetos. (Astral Cultural, 2023)

Não há cura para o autismo, mas a intervenção precoce e a terapia podem ajudar as crianças a desenvolver habilidades e atingir seu potencial. A terapia é adaptada às necessidades individuais de cada criança e pode incluir terapias comportamentais, educacionais, fonoaudiológicas e ocupacionais. (Astral Cultural, 2023, p. 78). Muitos alunos com autismo conseguem prosperar em um ambiente estruturado, portanto, é necessário estabelecer uma rotina e mantê-la o mais consistente possível. Seguir a rotina diária e reservar tempo suficiente para as transições pode ajudar com os problemas comportamentais e frustrações de muitos alunos. O apoio educacional é frequentemente necessário em sala de aula. Alunos com autismo aprendem melhor com imagens e demonstrações. Limitar instruções verbais longas e fornecer dicas visuais e instruções escritas, quando possível, consiste em estratégias eficazes. (Lowenthal, 2023, p. 81-88). Alunos com autismo podem participar da maioria das atividades que outras crianças e adolescentes fazem, portanto, incentivar a participação quando apropriado também deve fazer parte da metodologia. Vamos dialogar.

2 RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

A solidão da maternidade atípica atravessa a angústia da fragilidade de uma rede de apoio que compreenda a neurodiversidade para além do sistema normativo das escolas, isso significa uma quebra de paradigmas nas ferramentas pedagógicas e nos mecanismos que englobam o engajamento do aluno nas aulas, atividades práticas e as expectativas de interação com o outro e o significado social dessa inserção.

Ser mãe atípica de uma criança autista nos arrasta para um processo de vivência de um sistema padronizado e às vezes engessado por uma percepção capacitista. Isso significa que, apesar dos avanços significativos nas exigências legais o Plano Educacional Individualizado - PEI, a entrada de uma criança atípica ainda expressa um sistema de ensino com fendas para lidar tanto com as questões relativas à saúde mental quanto com as múltiplas nuances que englobam os transtornos e as comorbidades.

Aquele menino com seu hiperfoco em carrinhos ao entrar na sala de aula visualiza, com mais frequência que os demais, os detalhes em objetos na prateleira de brinquedos, paralisa na vibração das cores, admirando os detalhes dos trabalhos no mural com fascínio pelos riscos e traços, não abre mão do seu lugar de neurodivergente seja pela sua rigidez ou pela seletividade que marca as suas preferências. O plano estratégico de aprendizagem não avança para o olhar de suas próprias necessidades e potencialidades para fomentar um engajamento com as demais crianças. Nessa ocasião, a criança grita, chora, não aceita essa mediação que vem das experiências e construções de aprendizagem do olhar do outro. A mãe atípica é chamada na escola para mais uma vivência do seu processo de luto que engloba a maternidade idealizada e a realidade escolar capacitista, o espaço de acolhimento escolar passa ser desconstruído como rede de apoio, a criança neuroatípica precisa de mais informações, capacitação e mediação que ultrapassam às condições de trabalho de um sistema escolar que opera no seu limite de recursos para os professores, auxiliares e diretores.

Como garantir o direito de inserção e permanência do seu filho autista na escola com

respeito às suas necessidades e individualidades? Aqui, na maioria dos casos recorremos a judicialização como alternativa para criar uma mediação entre a escola e às terapias visando a inserção de um profissional para assistência terapêutica que deveria ser qualificado para introduzir no cotidiano escolar práticas de apoio para desenvolvimento de mais autonomia e engajamento da criança autista de acordo com o PEI. O que acontece na história dessa criança a partir da inserção da Assistente Terapêutica? Um relação nova no contexto escolar que nos exige adaptações e necessidades que o sistema escolar também está em processo de reconstrução e reciclagem. O tempo de aprendizagem da criança autista questiona o padrão normativo que atualmente vive a necessidade de capacitação continuada e o abismo de medidas judiciais que operam na garantia da preservação de direitos aos autistas de acesso e permanência com respeito às suas particulares e potencialidades.

3 DISCUSSÃO

3.1 O papel da família no apoio da criança com TEA

Para famílias que encaram a complexa jornada de apoiar uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), conhecimento e educação são primordiais. A educação familiar é um componente indispensável para promover sistemas de apoio eficazes e possibilitar o desenvolvimento e o bem-estar de crianças com autismo. Cabe dizer que as famílias apresentam múltiplas necessidades em várias dimensões de sua dinâmica familiar, que estão principalmente relacionadas à necessidade de informação e apoio em relação ao diagnóstico de seus filhos. Além disso, em termos de apoio familiar e social, há necessidade de compartilhar experiências e opiniões com outras famílias em situações semelhantes. Isso destaca a importância de ter oportunidades para trocar conselhos e experiências pessoais, facilitando assim o aprendizado por meio das experiências dos outros.

Outro fator a ser destacado é o papel da família como cuidadora principal e permanente, da criança com TEA, uma realidade que leva a uma carga psicológica significativa para os entes que assumem esse papel, destacando a necessidade de implementar programas de assistência para aliviar a pressão sobre as famílias cuidadoras. De modo geral, famílias com membros diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista apresentam necessidades relacionadas à dinâmica e ao apoio dentro da unidade familiar; à formação e ao apoio educacional; econômicas ou aquelas relativas a recursos monetários; às conexões e interações com a comunidade ou ambiente social e as necessidades relativas a tratamento médico e bem-estar de uma maneira geral. (Cabral *et al.*, 2021).

A criação de filhos com autismo também envolve estresse associado aos comportamentos desafiadores, às dificuldades de comunicação, ao isolamento e ao apego atípico dos filhos. O estresse pode ser ainda mais exacerbado quando a família não consegue garantir recursos adequados durante a idade escolar. Sentimentos como angústia, decepção, impotência são frequentes quando se testemunha a rejeição, o bullying e o preconceito oriundos da sociedade e sobretudo do ambiente escolar. Na ausência de apoio escolar, a família torna-se a principal responsável por encontrar, organizar e manter serviços e atividades educacionais/emprego para seus filhos com TEA. Por isso, os pais costumam ser a força motriz na obtenção de vagas educacionais e vocacionais e na promoção de uma alta qualidade de vida para seus filhos com TEA.

Portanto, a família é um dos pilares fundamentais do desenvolvimento da criança (Ribeiro *et al.*, 2015). Desempenha um papel importante no processo de formação do indivíduo. É responsável por cultivar relacionamentos afetivos e cognitivos, oferecendo perspectivas de mundo e indicando possíveis caminhos.

3.2 O papel do professor na atuação com o aluno autista

É inegável a importância dos professores na educação para a compreensão, o apoio e o desenvolvimento de alunos com autismo. Os professores desempenham um papel fundamental na construção de um ambiente de aprendizagem que possibilite potencializar as habilidades dos alunos. A figura do professor costuma ser o primeiro ponto de contato dos alunos dentro do sistema educacional, além de criar uma ponte entre o conteúdo lecionado e a singularidade do processo de aprendizagem de cada um. Cabe aos docentes estabelecerem um ambiente de sala de aula acolhedor, onde os alunos se sintam seguros para se expressarem. Essa segurança emocional é fundamental para alunos com autismo, permitindo-lhes participar plenamente e sem medo de serem discriminados e/ou julgados por suas condições. (Ferreira *et al*, 2017).

De fato, os professores atuam como elos de ligação, construindo relacionamentos que auxiliam na compreensão dos desafios e especificidades de seus alunos. Esse diálogo aberto estabelece as bases para estratégias educacionais personalizadas, onde os professores são profissionais capazes de traduzir conceitos complexos em ideias mais inteligíveis, tornando a aprendizagem acessível ao seu público-alvo. Não se trata apenas de ministrar aulas; trata-se de garantir que cada atividade faça sentido para o aluno e consequentemente a aplicabilidade desse conhecimento adquirido, nas atividades comuns no dia a dia. É vital que os educadores observem e adaptem as estratégias de ensino com base nas reações e no progresso de cada aluno. É essencial reconhecer que o professor desempenha um papel central nesse processo, sendo um agente de mudança e construindo um futuro mais inclusivo e equitativo para crianças com TEA. Se faz necessário pensar estratégias eficazes para com os alunos, tais como: a implementação de um currículo flexível que priorize as necessidades individuais; metodologias que considerem a aprendizagem com base em projetos; atividades práticas ou plataformas digitais que permitam um ritmo personalizado; incentivar amizades e desfrutar de interesses em comum; estratégias gerais delineadas para dar suporte à comunicação e à organização (instruções simples, tempo de espera para processamento de solicitações ou instruções verbais, cronogramas visuais, avisos e dicas etc.); regras escritas ou imagens de expectativas de comportamento em sala de aula, incluindo convenções "não escritas", se necessário. (Hudson, 2019, p. 125-145). O desafio é constante tendo em vista que o currículo, às vezes, impõe restrições às possibilidades de ajustes dos professores. Não há possibilidades de se trabalhar sozinho, a participação de todos na escola é condição sine qua non para o estabelecimento de um ambiente de aprendizagem.

Um dos principais objetivos da educação é não deixar nenhum aluno para trás. Cabe mencionar, que o compromisso internacional com a educação inclusiva foi reafirmado com a Declaração de Incheon a qual objetiva garantir educação inclusiva e equitativa de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos até 2030 (UNESCO, 2015, p. 7). Sendo assim, é de fundamental importância que a prática empregada pelos professores no suporte a alunos autistas, siga uma rotina, por meio do uso apropriado de horários e recursos visuais, gerenciando transições e alertando os alunos sobre possíveis mudanças com antecedência. A criação de uma sala de aula inclusiva é fundamental para uma educação eficaz. Um ambiente inclusivo promove o respeito mútuo entre os alunos, estimula uma cultura de inclusão onde as diferenças são celebradas em vez de estigmatizadas.

3.3 O papel da escola no processo de acolhimento do aluno autista

É importante considerar que a escola tem se mostrado despreparada para acolher a neurodiversidade. É possível perceber os desafios que os alunos atípicos, sobretudo, os diagnosticados com TEA enfrentam em relação as relações estabelecidas na escola, a adaptação e os ambientes escolares sensoriais avassaladores. É evidente que os alunos autistas precisam de mais apoio para se integrarem na escola e vivenciarem relacionamentos positivos com seus colegas. A equipe escolar precisa estar mais atenta às necessidades dos alunos autistas e oferecer suporte personalizado. As escolas precisam potencializar o ambiente escolar para

atender melhor às necessidades sensoriais dos alunos, além de criarem ambientes mais inclusivos que reconheçam e respeitem as identidades específicas.

A escola precisa compreender que para alunos neurodivergente, as adaptações como tempo estendido para provas, acesso a espaços sensoriais ou permissão para usar ferramentas assistivas, como softwares de conversão de texto em fala, podem ajudar a reduzir a sobrecarga cognitiva e a gerenciar as sensibilidades sensoriais. Esses apoios podem melhorar significativamente o desempenho e o bem-estar dos alunos, tornando o ambiente de aprendizagem mais acessível. Isso significa que as escolas devem dispor dos recursos adequados para educar os alunos e que os professores devem ser devidamente capacitados. Além disso, significa que todos alunos, independentemente de suas peculiaridades, devem ser tratados de forma justa e ter a oportunidade de aprender. (Adurens *et al.*, 2018).

Apoiar crianças com autismo na escola começa com compreensão, compaixão e compromisso com uma educação personalizada. Cada criança possui pontos fortes, desafios e perspectivas únicos, e é responsabilidade da escola reconhecer e celebrar essa diversidade. O espaço escolar se torna um refúgio de aprendizado e crescimento quando reconhecemos e atendemos às necessidades específicas de cada estudante. Cada criança precisa ser valorizada, onde as diferenças sejam acolhidas e onde cada aluno receba as ferramentas e o incentivo para atingir seu pleno potencial. Por meio da paciência, da empatia e de métodos de ensino inovadores, é possível criar um ambiente acolhedor onde cada criança se sinta vista, ouvida, apoiada e representada. Para criar um ambiente escolar inclusivo para alunos com autismo, é crucial reconhecer e compreender os desafios que eles podem enfrentar. Ciente desses desafios, a escola pode implementar estratégias e sistemas de apoio adequados para garantir o sucesso desses alunos.

4 CONCLUSÃO

A exclusão escolar de crianças autistas continua sendo um problema recorrente para as famílias neuroatípica. Desenvolver maneiras significativas para que as escolas apoiem melhor as famílias na interação com o sistema educacional levarão a melhores resultados para os pais e as crianças autistas. Esse problema desafiador precisa ser enfrentado com empatia e ação. Treinar educadores de forma eficaz em educação para o autismo não é apenas uma boa prática; é um requisito fundamental. O treinamento certo pode evitar preconceitos, discriminações no ambiente escolar. Ele fornece aos educadores as ferramentas e o conhecimento necessários para atender às necessidades únicas de alunos com transtornos do espectro autista. Sem esse treinamento, os educadores podem se ver caminhando em terras desconhecidas, incertos sobre a melhor forma de apoiar seus alunos.

Construir uma rede de apoio é essencial para garantir o sucesso de alunos com autismo. Essa rede normalmente inclui pais, professores, profissionais de educação especial e outras pessoas relevantes. Ao promover canais abertos de comunicação e colaboração, a rede pode compartilhar *insights* e estratégias valiosas para apoiar a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno. A comunicação regular entre pais e professores é fundamental para compreender as singularidades. Além disso, é necessário que escola proporcione encontros com outros profissionais para fornecer conhecimento e orientações. Esses profissionais, como fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e psicólogos, podem oferecer conhecimento especializado e estratégias para apoiar alunos com autismo em sala de aula. A colaboração com esses profissionais garante uma abordagem abrangente para atender às necessidades do aluno. Ao criar um ambiente estruturado e previsível, usar uma linguagem objetiva, proporcionar oportunidades de estímulo sensorial, promover interações sociais positivas e colaborar com pais e profissionais, é possível garantir um ambiente mais equânime e igualitário.

REFERÊNCIAS

ADURENS, F. D. L; VIEIRA, C. M. Concepção de professores sobre a inclusão do aluno com autismo: uma pesquisa bibliográfica. **Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv.**, São Paulo, v. 18,n. 2,p. 94-124,dez. 2018 . Disponível em:
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072018000200007
Acesso em 14 abr. de 2025.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais** – DSM 5. 5. ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2014.

CABRAL, C. S; FALCKE, D; MARIN, A. H. Relação Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de Pais e Professoras. **Revista Brasileira De Educação Especial**, 27, 2021. Disponível em
<https://www.scielo.br/j/rbee/a/STKcXJNwvxqhGk5QKh8WpLP/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 19 abr. 2025.

ASTRAL CULTURAL. **Como lidar com o autismo**. Bauru SP: Astral Cultural, Coleção Saúde da Mente, 2023.

FERREIRA, M.; FRANÇA, A. O autismo e as dificuldades no processo de aprendizagem escolar. Id on Line **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 11, n. 38, p. 507- 519, 2017. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/916/1291>. Acesso em: 19 abr. 2025.

HUDSON, D. **Dificuldades Específicas de Aprendizagem**: ideias práticas para trabalhar com: dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, Tdah, TEA, Síndrome de Asperger e TOC. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

LOWENTHAL, R. **Como lidar com o autismo**. 4.ed. São Paulo: Hogrefe, 2023.

RIBEIRO, N.V.; BÉSSIA, J.F. de. As contribuições da família para o desenvolvimento da criança na educação infantil. **Anais da Jornada de Iniciação Científica - Faculdades Integradas de Aracruz**,2015. Disponível
em:http://www.faacz.com.br/portal/conteudo/iniciacao_cientifica/programa_de_iniciacao_cientifica/2015/anais/as_contribuicoes_da_familia_para_o_desenvolvimento_da_crianca.pdf
Acesso em: 14 abr. 2025.

UNESCO. **Education 2030**: Incheon Declaration and Framework for action for the implementation of Sustainable Development Goal 4: Ensure inclusive and equitable quality education and promote lifelong learning opportunities for *all*. UNESCO, 2015. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000245656_. Acesso em: 14 abr. 2025.